

ASPECTOS MORFOLÓGICOS DA FALA POPULAR EM CORUMBÁ DE GOIÁS

MORPHOLOGICAL ASPECTS OF POPULAR SPEECH IN CORUMBÁ DE GOIÁS

Sirlene Antonia Rodrigues Costa¹

RESUMO: Este artigo tem como proposta a discussão das características dos traços de fala de pessoas idosas residentes na cidade de Corumbá de Goiás, com ênfase nas abordagens morfológicas. Os dados de fala que possibilitaram as análises são recortes do *corpus* de uma pesquisa desenvolvida no período compreendido entre 2003 e 2005, no Programa de Pós-Graduação da UFG. Tais dados foram coletados, por meio de entrevistas gravadas, transcritos e analisados com fundamentação teórica em autores que dedicaram aos estudos morfológicos de diversas línguas, inclusive o português.

Palavras-chave: Morfologia. Língua. Palavra. Morfema. Afixos.

This article aims to discuss the characteristics of the speech features of elderly residents in the city of Corumbá de Goiás, with emphasis on morphological approaches. The speech data that allowed the analyses are excerpts from the corpus of research carried out between 2003 and 2005 in the Postgraduate Program of UFG. These data were collected through interviews, transcribed and analyzed with theoretical background on authors who studied the morphological aspects of several languages, including Portuguese.

Keywords: Morphology. Language. Word. Morpheme. Affixes.

Introdução

Este artigo é um estudo que aborda diversos conceitos relacionados ao funcionamento e às estruturas linguísticas da fala popular, segundo as abordagens teóricas da Morfologia. A pesquisa empírica foi fundamentada nas teorias de autores que estudam os aspectos morfológicos de diversas línguas e na análise de dados de fala coletados em trabalho de campo realizado na cidade de Corumbá de Goiás, entre os anos de 2003 e 2005. Tal pesquisa teve como propósito a descrição do comportamento linguístico dos corumbaenses

¹ Mestre em Letras pela UFG. Professora de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás – UnU de Itapuranga – e da Faculdade Evangélica de Goianésia. E-mail: sirleneletras@bol.com.br.

entrevistados, considerando as influências linguísticas e extralinguísticas presentes nas suas variedades de fala.

O objetivo central deste trabalho é discutir alguns conceitos relevantes das teorias da Morfologia. O que se procura entender, especificamente, por meio dos estudos morfológicos, é como os usuários da língua organizam as palavras que utilizam, ao se comunicarem, em situações cotidianas. Para tanto, faz-se necessário compreender os processos de estruturação e formação das palavras. Neste sentido, portanto, é que serão descritos alguns aspectos morfológicos recorrentes na fala popular da Cidade de Corumbá de Goiás.

O artigo está dividido em cinco partes. A primeira é uma introdução do trabalho, a segunda uma descrição do material e método utilizados na pesquisa. A terceira refere-se a uma resumida apresentação da cidade de Corumbá de Goiás, a quarta trata-se da explanação de alguns conceitos importantes para a compreensão dos estudos morfológicos e a quinta, e última parte, é uma análise de alguns processos morfológicos que ocorrem na fala dos corumbaenses que participaram da pesquisa, na condição de colaboradores, e que, possivelmente, caracterizam, de alguma forma, as realizações linguísticas de outros falantes de Corumbá de Goiás e de outras regiões do Estado e do País.

Material e método

Esta pesquisa se caracteriza, a princípio, por um estudo bibliográfico, por procurar compreender alguns aspectos que envolvem a estrutura das línguas humanas, a partir das teorias de autores que têm buscado entender e conceituar o objeto de estudo da Morfologia, a palavra ou o morfema.

Além da pesquisa bibliográfica, foi realizado um trabalho de campo que, neste aspecto, se caracteriza por estudo dialetológico, em razão dos procedimentos metodológicos utilizados, como a escolha do espaço linguístico e os recortes de traços de variedades da língua portuguesa falada na região de Corumbá de Goiás.

O método utilizado na coleta dos dados foi o da entrevista semi-estruturada, por meio de conversas informais, que deram prioridade aos temas relacionados à história da cidade, à vinda das pessoas para aquela localidade e às formas de organização social da comunidade.

Os dados de fala, que constituem o *corpus* da pesquisa, foram coletados por meio de gravações em fita cassete, anotações em diário de campo, observações e conversas informais. Tais dados foram transcritos, selecionados e analisados a partir de concepções de diversos autores do campo dos estudos morfológicos.

Participaram da pesquisa de campo 25 colaboradores, porém, foram transcritas e analisadas apenas 15 entrevistas, por atenderem ao perfil pretendido. As variáveis extralinguísticas utilizadas para interpretar os dados foram: a faixa etária, a escolaridade, o tempo de residência na região, a naturalidade dos pais e do cônjuge do colaborador.

Corumbá de Goiás – o campo da pesquisa empírica

Corumbá de Goiás é uma cidade que está situada na região do Planalto Central, com mais de dois séculos de história, e, ao longo de sua existência, recebeu pessoas de vários lugares e etnias. Contudo, é possível perceber que a preservação cultural se faz altamente presente nas suas tradições religiosas e culturais, de forma geral. É cidade histórica, fundada no período da interiorização portuguesa no Brasil, durante o Ciclo do Ouro em Goiás, nos séculos XVII e XVIII.

O município possui uma área territorial de 1.062.457 Km e, atualmente, conta com uma população residente de 9.679 habitantes. Esses dados foram fornecidos pela Prefeitura Municipal de Corumbá em setembro de 2004.

A principal atividade econômica do município é a produção agropecuária e o turismo, mais precisamente o eco-turismo.

As principais atividades culturais estão ligadas às festas religiosas da Igreja Católica, quase todas herdadas dos colonizadores. A cultura bandeirante também é preservada na arquitetura. Corumbá exibe enormes casarões, calçadas de pedras e igrejas construídas pelos primeiros habitantes do período colonial.

Conceitos relevantes para as análises morfológicas

Ao se propor um estudo científico sobre qualquer temática, faz-se necessário informar ao leitor sobre alguns conceitos que estão diretamente relacionados com a discussão que se pretende apresentar. Neste sentido, torna-se importante, mesmo que de forma introdutória e pouco aprofundada, em virtude de não ser essa a pretensão das discussões apresentadas neste artigo, comentar sobre alguns conceitos adotados por linguistas que têm se dedicado aos estudos morfológicos.

É relevante apresentar aqui algumas noções referentes às abordagens dos estudos morfológicos. É importante discutir, por exemplo, o que é Morfologia. A noção de palavra, de

morfema, além de outros conceitos que envolvem os aspectos morfológicos como a derivação, a flexão e a composição. São noções que visam informar ao leitor sobre as posturas teóricas adotadas e sobre os direcionamentos que foram dados às análises feitas para se chegar a determinadas conclusões.

Em linhas gerais, Morfologia se caracteriza por ser o estudo que se dedica em compreender a estrutura interna das palavras que compõem uma determinada língua. De acordo com a sua etimologia, o termo morfologia provém das formas gregas: *morphê*, ‘forma’, e *logos* ‘estudo’. Nesse sentido, morfologia pode ser entendida como sendo o estudo da forma das palavras.

Sabe-se, também, que esse seria um conceito bastante preliminar e pouco esclarecedor, tendo em vista que tanto o conceito de forma, quanto o de palavra, ainda não são totalmente esclarecidos pelas teorias que têm se dedicado a compreendê-los. O que torna essa conceituação, *estudo da forma da palavra*, bastante ampla e superficial. Para Rosa (2000), o termo *forma*, em sentido amplo, pode ser entendido como sinônimo de *plano de expressão*, em oposição a *plano de conteúdo*. Compreendendo, assim, dois níveis de realização: os sons, destituídos de significado, mas que se combinam e formam unidades com significado; e as palavras, que têm regras próprias de combinação para a composição de unidades maiores. Para a autora, a palavra não precisa ser interpretada, necessariamente, como a unidade fundamental para representar a correlação entre o plano de expressão e o plano de conteúdo. Esse papel pode ser atribuído ao morfema. Nesse sentido, a unidade básica dos estudos morfológicos seria, então, o morfema e não a palavra.

Ainda de acordo com as argumentações de Rosa (2000, p. 15 – 16), “a diferença no tocante à unidade em que se centra o estudo morfológico – o *morfema* ou a *palavra* redundante também de maneiras diferentes de focalizar a morfologia”. De modo geral, e para alguns, talvez simplista, a autora afirma que a noção de morfema está relacionada com o estudo das técnicas de segmentação de palavras em suas unidades constitutivas mínimas, ao passo que os estudos que privilegiam a noção de palavra preocupam-se com o “modo pelo qual a estrutura das palavras reflete suas relações com outras palavras em construções maiores, como a sentença, e com o vocabulário total da língua” (ANDERSON, 1992 apud, ROSA, 2000, p. 16).

Basílio (2004), ao comentar os conceitos de Mattoso Câmara a respeito do vocábulo, relata que o abandono da palavra como elemento mínimo de análise linguística ganha ênfase no Estruturalismo, sobretudo, no estruturalismo americano, dada a prioridade do morfema

como unidade morfológica. Porém, este abandono já havia ocorrido, na prática, pelo método comparativo do período Histórico-Comparativo.

Basílio (2004, p. 74) ressalta que

o deslocamento da palavra do centro da língua para uma área cinzenta, assim como a eleição do morfema como elemento básico da morfologia não são propriamente invenções do estruturalismo, como se poderia pensar, mas aplicações do princípio sincrônico sobre uma situação de fato legada pelo período do estudo histórico das línguas

Outros teóricos definem a Morfologia como sendo o ramo da Gramática que estuda a estrutura das palavras. Diante de diferentes concepções, pode-se concluir que o posicionamento adotado acerca de qual seja o objeto de estudo da Morfologia – a palavra ou o morfema – dependerá da pretensão do pesquisador, do direcionamento teórico adotado e, principalmente, de como este reconhece os conceitos de linguagem e língua.

Como tais conceitos não são o núcleo das discussões aqui propostas, todas as concepções acima foram apresentadas como possibilidades de enfoque dos estudos morfológicos. As abordagens a serem adotadas pelo estudioso dos aspectos morfológicos de uma língua dependerão do que e como se pretende discutir em uma análise linguística. Ou seja, o ângulo priorizado dependerá do caminho percorrido e dos resultados que se procura atingir.

Da mesma forma, amplos e complexos também são os conceitos de palavra e morfema. Também diversos e, em muitas vezes, contraditórios, são os posicionamentos dos teóricos acerca de tais conceitos. Como normalmente acontece com os diversos objetos da ciência. O que, do ponto de vista científico, pode ser bastante produtivo, pois a controvérsia teórica e os questionamentos despertam interesses de estudo e impulsionam as pesquisas, gerando conhecimento.

De acordo com Jensen (1990, p. 01),

o termo palavra é de difícil definição e parte dessa dificuldade encontra-se na ambiguidade do termo. O significado mais familiar é mais tecnicamente chamado *word form*, que é definido como uma palavra como ela aparece na linguística textual e também, na fala e na escrita. Em outro sentido, refere-se a uma entidade mais abstrata, não um elemento da linguística textual, mas sim, parte da estrutura da língua, tal como pode ser representada em um dicionário ou léxico mental do indivíduo.

O autor comenta, ainda, que o objetivo maior da Morfologia é o de construir uma teoria em que fosse possível descrever a estrutura da palavra de todas as línguas do mundo. Essa seria uma tarefa monumental, porque as estruturas morfológicas de qualquer língua são bastante complexas, porém, provavelmente, passíveis de descrição.

De fato, não tem sido mesmo possível elaborar um conceito de palavra que possa atender todas as particularidades de todas as línguas. Muitos se arriscam na relação entre forma e significado, ao descreverem que palavra é o que possibilita a expressão de uma idéia, o que possui um sentido expressivo completo. Para outros estudiosos, palavra seria o que é possível de ser segmentado em partes menores, em morfemas ou constituintes. Mas, parece que nem sempre esse conceito atende a todas as abrangências do emprego do termo palavra.

De acordo com os argumentos anteriores, ficariam fora desses conceitos as preposições, os artigos, as interjeições, as formas proclíticas e enclíticas e tantos outros recursos da linguagem verbal. Além disso, as marcações de segmentos da escrita e da fala são bastante diferenciadas, mesmo tomando a pausa como referência. Isso sem mencionar as diferenças de segmentação que ocorrem ao se comparar diversas línguas existentes.

Para Mattoso Câmara (1986, p. 69), o estruturalista Leonard Bloomfield elaborou critérios para conceituar os vocábulos formais. O que resolveria, no momento, parte da dificuldade de conceituar palavra. Segundo esse autor, as unidades formais da língua são de duas espécies: 1) “as formas livres, quando constituem uma sequência que pode funcionar adequadamente como comunicação suficiente” e 2) “as formas presas, que só funcionam ligadas a outras” – os afixos.

De acordo com Bloomfield (1978 citado por BASÍLIO, 2004, p. 76), “uma forma é um traço vocal recorrente que tem significado e todo enunciado é inteiramente constituído de formas”. Nessa visão, o autor define a palavra através das seguintes afirmações: “(a) um X mínimo é um X que não consiste inteiramente em X’s menores; (b) uma forma que pode ser enunciada não é livre é presa; e (c) uma forma livre mínima é uma palavra” (BASÍLIO, 2004, p. 76).

Ainda de acordo com Basílio (*Loc. cit*),

em *Language* (1933), Bloomfield apresenta a mesma definição, embora dentro de um quadro diferente: uma forma livre composta inteiramente de duas formas livres menores é um sintagma. A palavra é a forma livre que não é um sintagma. Mais especificamente, a palavra é uma forma livre não composta inteiramente por formas livres menores. A palavra é uma forma livre mínima. Acrescenta ele que, na medida em que apenas as formas livres podem se constituir isoladamente num enunciado, a palavra, unidade mínima enquanto forma livre, exerce um papel importante em nossa atitude

em relação à língua: a palavra é a menor unidade do discurso. Ou seja, a palavra é a menor unidade linguística de que facilmente temos consciência.

Com base nos conceitos de Bloomfield, um linguista norte-americano, Mattoso Câmara (1986) elabora o conceito de forma dependente. A forma que não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como uma comunicação suficiente, e não é presa porque pode mudar de posição, como em *se fala* ou *fala-se*, entre outras. Essas seriam as formas dependentes. A partir dessa concepção Mattoso propõe a seguinte divisão, em substituição à proposta de Bloomfield.

Chegamos assim a 3 tipos de formas: 1) forma presa que só aparece ligada à outra e por ela condicionada; 2) forma dependente, que nunca aparece isolada, mas pode aparecer ligada à outra que não aquela que a condiciona, quando entre ela e a sua condicionante se intercalam livremente outras formas; 3) forma livre que aparece não raro isolada. (MATTOSO CÂMARA, 1967, p. 88)

De acordo com Sândalo (2001, p.182), muitos linguistas definem palavra usando os critérios sintáticos, os quais parecem funcionar em qualquer língua do mundo. “Uma sequência de sons somente pode ser definida como palavra se (i) puder ser usada como resposta mínima a uma pergunta e se (ii) se puder ser usada em várias posições sintáticas”. E conclui afirmando que “palavra é a unidade mínima que pode ocorrer livremente”. Este é um conceito que equivale aos da maioria dos estruturalistas.

Para muitos autores, os elementos da língua que têm a função de estabelecer relações entre as palavras são denominados de vocábulos ou elementos gramaticais. São, na terminologia de Mattoso Câmara (1970, p. 59), formas dependentes.

No intuito de explicar as diferenças de segmentação da palavra escrita e da palavra falada, vários teóricos adotam critérios que obedecem as regras da escrita, e definem palavra obedecendo às convenções da escrita, que é a palavra escrita ou a palavra gráfica. Já a palavra fonológica, que é a unidade formada por fonemas, sílabas e traços supra-segmentais, é demarcada seguindo as convenções de fala. É segmentada a partir de critérios que contemplem as especificidades da fala. São algumas das saídas teóricas que buscam atender às várias expectativas científicas.

De acordo com Sândalo (2001), ao se definir o que é palavra, será definida a unidade máxima da Morfologia – a palavra. E quais seriam, então, os elementos mínimos? Nessa perspectiva, os elementos mínimos seriam os constituintes da palavra, os morfemas. Para a autora, são esses elementos o que nos permite entender palavras que nunca ouvimos antes.

Para Jensen (1990, p. 2), “morfemas são unidades estruturais primárias que são tipicamente, mas não necessariamente significativas”². E continua o autor “uma **word form** pode conter apenas um morfema, como *cat*, ou pode conter mais, como *cats*, onde *-s* é um morfema separado com o significado plural”³ (grifos do autor). Para melhor explicar a noção de morfema, Jensen recorre à palavra *cats* em inglês e comenta que “*cat* é uma **raiz**, enquanto *-s* é um **afixo**, especificamente um **sufixo**, que segue a raiz. O morfema *cat* é um morfema livre, ou seja, ele sozinho tem status de palavra. O morfema *-s*, entretanto, é preso, desde que ele sozinho não tem status de palavra.”⁴ (JENSEN, 1990, p. 2. Grifos do autor).

É importante ressaltar que Jensen e outros teóricos enfatizam que a Morfologia, além dos morfemas, usa processos na formação de palavras para explicar como estas são formadas nas diversas línguas do mundo. “Diferente de *cats*, a palavra *feet* não é composta de uma raiz mais um sufixo”⁵. Segundo o autor (1990, p.03), “alguns linguistas, como Nida (1949) têm discordado que *feet* consiste de *foot* mais a substituição de [y] por [i]. Mas essa substituição é um processo, não um morfema”⁶. (Tradução nossa)

Ao conceituar semantema e morfema, Monteiro (1991) afirma que semantema possui outros nomes, usados de acordo com a preferência dos gramáticos. Há os que denominam de lexema e outros que o chamam de morfema, uma vez que semantema também é forma ou forma mínima. Assim, de acordo com este autor, há dois modos de interpretar o conceito de morfema.

Num conceito amplo, morfema é qualquer unidade linguística dotada de forma e significação. Neste sentido, o semantema é um tipo de morfema que se combina a outros para a atualização ou circulação do vocábulo entre os falantes da língua. No conceito restrito, reserva-se o termo morfema aos elementos para os elementos que se opõem ao semantema e este se refere à parte fundamental ou núcleo significativo do vocábulo. (MONTEIRO, 1991, p. 12)

Ao citar as teorias de Bloomfield, Rosa (2000) reafirma que “o **morfema** é uma forma recorrente (com significado) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores” (BLOOMFIELD, 1926, p. 27 apud ROSA, idem, p. 49. Grifos da autora).

² “Morphemes are primarily structural units and they are typically but not necessarily meaningful.” (JENSEN, 1990, p. 02)

³ “A word form may contain only one morpheme, e.g. *cat*, or it may contain two or more, e.g. *cats*, where *-s* is a separate morpheme with the meaning ‘plural’” (*ibidem*)

⁴ “Here, *cat* is a stem, while *-s* is an affix, specifically a suffix, which means it follows the stem. The morpheme *cat* is a free morpheme, that is, it can stand as a word by itself.” (JENSEN, 1990, p. 02)

⁵ “Unlike *cats*, the word *feet* is not composed of the stem plus a suffix.” (*ibidem*)

⁶ “Some linguists, e.g. Nida (1949), have argued that *feet* consists of *foot* plus the replacement of [u] by [i]. But this replacement is a process, not a morpheme.” (JENSEN, 1990, p. 03)

Neste sentido, Basílio (1974a, p. 80) interpreta as posições de Bloomfield, comentando que tais definições

dão conta do morfema em duas dimensões, e correspondem a dois passos fundamentais no processo de identificação dos morfemas. No primeiro, o da *segmentação*, serão isoladas na cadeia da fala sequências fônicas recorrentes mínimas que apresentam significado; no segundo, o da *classificação*, serão considerados membros do morfema os morfemes que apresentam distintividade fonético-semântico comum (grifos da autora).

Da mesma forma que o conceito de palavra, várias são também as explicações acerca do conceito de morfema. Mas, ao que parece, todas convergem para a idéia de que os morfemas são os constituintes das palavras, as partes em que uma palavra pode ser segmentada, na perspectiva morfológica. Dessa forma, essa será a noção básica adotada neste artigo nas referências ao termo morfema. Essa posição fundamentará as discussões posteriores sobre alguns processos morfológicos.

Ao se propor uma análise morfológica, faz-se necessário discutir um pouco sobre os aspectos morfológicos que normalmente são considerados em análises dessa natureza. Três aspectos morfológicos são normalmente considerados em uma análise morfológica: a derivação, a flexão e a composição. De acordo com Jensen (1990, p. 05), “na morfologia derivacional, um lexema origina de um outro”. Para melhor explicar, o autor descreve o adjetivo derivacional do inglês, “o adjetivo *derivacional* por si é derivado do substantivo *derivation* pela junção do sufixo *-al*, e *derivação*, por sua vez, é derivado do verbo *derive* pela sufixação *-ation*’ (Grifos do autor).

Normalmente, as teorias explicam o processo da derivação a partir das explicações referentes à composição das palavras. Nesse sentido, a derivação ocorre quando um afixo é acrescentado a uma base ou radical, formando uma outra palavra, como, por exemplo, a palavra *livro* em português, ao receber o afixo *eiro*, surge o nome *livreiro*, ao se juntar à base *livr* ao sufixo *eiro*, uma nova palavra é formada.

É oportuno ressaltar que, de acordo com Jensen (1990), esse é um caso de uma derivação evidente, aquela em que se o usuário da língua espera que ocorra. Porém, há casos em que “algumas vezes a derivação ocorre sem um afixo evidente: isso é chamado de **derivação** ou **conversão zero**”. Para ilustrar, o autor se refere “ao substantivo inglês *spy*, derivado do verbo *spy*, onde devemos esperar um sufixo evidente *-er*, mas **spier* não existe.” (JENSEN, 1990, p. 5. Grifos do autor).

Nas abordagens da Gramática Normativa, que percebe a língua de forma padronizada, a derivação é um processo pelo qual um nome existente na língua dá origem a outro por meio de acréscimos de morfemas derivacionais – os afixos⁷.

Os normativistas segmentam o vocábulo em partes chamadas de radical, vogal temática, desinências nominais: de número e gênero, desinências verbais: de infinitivo, modo-tempo, número e pessoa. Tanto os nomes quanto os verbos podem receber a vogal temática e formar temas nominais e temas verbais.

Na visão dos estruturalistas, dentre eles Saussure (2000) o signo linguístico é arbitrário e imotivado, e pode se dizer que tal afirmação se relaciona, em tese, a bases livres, ditas primitivas, pois delas podem se formar novas bases, motivadas, que guardarão, com a antiga base a afinidade de radical e significação. Por exemplo, na base livre e primitiva do português *dente*, há o radical *dent-*, invariável, do qual podem derivar outros vocábulos como: *dent-ista*; *dent-inho* e outros, por meio do acréscimo de afixos à essa base.

Para Mattoso Câmara (1970), os sufixos que pertencem à classe mórfica dos afixos são morfemas aditivos que têm significação própria, pois podem determinar não somente o gênero, como também a condição sintática do novo vocábulo a que se agregaram. O autor afirma serem três os critérios para classificar um vocábulo formal de uma língua: o semântico, o mórfico e o funcional, em que a posição da forma é fator de distinção entre nome e verbo. Ao primeiro, é possível o acréscimo de sufixos flexionais de gênero e número, ao último, o acréscimo de sufixos de modo-tempo/ número-pessoa.

Os estudos linguísticos das vertentes tradicionalista e estruturalista, no que se refere à Morfologia, se prendem aos processos de descrição e de estrutura da formação de palavras. Diferente do defende a vertente gerativista, que busca dar conta da competência criativa do falante nativo, na produção de novas formas lexicais, ao aplicar Regras de Formação de Palavras (RFPs) e ao restringi-las, além de interpretá-las por meio de Regras de Análise Estrutural (RAES), conforme afirma Basílio (1980)

Diferente das demais abordagens, a hipótese lexicalista, adotada por Basílio (1980), não trabalha com o conceito de palavra ou de radical como é tradicionalmente conhecido, mas com itens lexicais facilmente perceptíveis pelo falante. A esses itens lexicais dá-se o nome de bases, que podem ser livres ou presas.

⁷Os afixos, nessa abordagem, são morfemas que se adicionam a uma base ou radical. Dependendo da posição dos afixos, em relação à base, eles podem ser de cinco tipos: prefixo, infixo, sufixo, cincunfixos e transfixos.

Nessa concepção, o falante nativo de qualquer língua é detentor de um “léxico virtual” que, na medida da necessidade, vem à tona nos processos de comunicação, uma vez que os processos neológicos são espontâneos e seguem as RFPs que aquela comunidade de fala traz consigo (BASÍLIO, 1980). Assim, é mais fácil ao falante reconhecer o item preso *hidro*-recorrente em *hidroginástica* / *hidrelétrica* / *hidrômetro* e outros, mesmo que ele não saiba o real significado; ou mesmo reconhecer a base livre de *terra* / *terreiro* / *terreno*.

Ainda de acordo com Basílio (1980), o fato de o falante reconhecer uma base, livre ou presa, não quer dizer que ele pode formar aleatoriamente novos vocábulos, já que a base precisa ater às condições de produção. Essas condições podem sofrer bloqueios de ordens diversas, ou restrições fonológicas ou morfológicas. Para Basílio (*Idem*), o léxico se desenvolve em camadas, isto é, de um item lexical, já existente na língua, muitos outros podem ser criados por meio de acréscimos de afixos, nominais ou verbais, como ocorre em [des[nacion]al]iz][ar]ção] (BASÍLIO, 1980, p. 32).

Da palavra acima podem-se destacar não somente a forma nominal do adjetivo *nacional*, mas também o verbo *nacionalizar*, ou mesmo *desnacionalizar*, e ainda, as formas nominais *nacionalização* / *desnacionalização*.

Todas as concepções, embora adotem caminhos um pouco diferentes para explicar a derivação, convergem para o ponto de que, por meio do acréscimo de afixos a uma base, outras palavras podem ser criadas. Esse parece ser um processo bastante produtivo, pelo menos nas muitas das línguas já descritas.

No que se refere à flexão, as explicações para esse processo morfológico fica a cargo da Morfologia Flexional, que, de acordo com Petter (2003, p. 73), “trata, principalmente, dos morfemas que indicam relações gramaticais e propiciam os mecanismos de concordâncias”. Ainda de acordo com a autora, as categorias gramaticais organizadas pelos morfemas flexionais são para os nomes: as categorias de gênero, número e casos, e para os verbos: as categorias de aspecto, tempo, modo e pessoa.

Sândalo (2001, p. 193) argumenta que a Morfologia Flexional conta com as seguintes propriedades:

- (a) A Morfologia Flexional não altera as categorias. Assim, na frase *eu falo*, o morfema *o* mostra que o sujeito é primeira pessoa. Na frase *Os macacos caíram da árvore*, o plural no artigo, *s*, indica que o núcleo do sintagma nominal é plural, e o morfema *m* indica que o sujeito da sentença é terceira pessoa do plural. (b) A morfologia flexional é produtiva: qualquer verbo pode ser marcado por um morfema indicando plural e qualquer artigo pode ser pluralizado.

Faz-se necessário comentar que as evidências da flexão dos vocábulos não são manifestadas da mesma forma em todas as línguas e que nem todas elas serão representadas pelos mesmos tipos de morfemas.

Em linhas gerais, o que difere da derivação da flexão é que, a última não se trata de um processo de criação de um novo vocábulo, como acontece na derivação, mas o que ocorre é uma alteração na forma de um determinado vocábulo. Por exemplo, a forma *-menin-o* pode ser flexionada em *menin-a*; *menin-o-s*; *menin-a-s*.

O último aspecto também relevante para uma análise morfológica, a ser considerado neste artigo, é o da composição.

O processo de composição consiste, a princípio, na junção de dois radicais ou de duas bases, com ou sem modificações na sua estrutura fônica. Nos casos, *aguardente* e *beija-flor*, no português, por exemplo, ocorre, com a junção das bases: *água + ardente = aguardente*, uma modificação fônica – composição por aglutinação, enquanto que em *beija + flor = beija-flor* não há modificações fônicas, somente uma junção de bases, o que caracteriza em um processo de composição por justaposição. De acordo com Jensen (1990, p. 7), “composto deriva novas palavras pela combinação de duas (raramente mais) outras palavras (ou raízes).”⁸ (Tradução nossa)

Petter (2003, p. 72) explica que

a composição distingue-se da derivação por seu próprio mecanismo de estruturação: enquanto que pela derivação se expressam noções comuns e gerais, o processo de composição permite categorizações mais particulares. A associação de dois elementos independentes no léxico em apenas um elemento cria formas compostas muitas vezes desvinculadas do seu significado particular de cada um de seus componentes, como em *amor-perfeito*. – ênfase do autor.

Conforme proposto anteriormente, alguns conceitos aqui discutidos servirão de fundamento teórico para as análises que envolvem alguns aspectos morfológicos recorrentes na fala das pessoas que participaram da pesquisa de campo como colaboradoras.

⁸ “Compounding derives new words by combining two (rarely more) other words (or stems).” (JENSEN 1990, p. 7)

Alguns aspectos morfológicos recorrentes na fala dos corumbaenses entrevistados

✓ **Prefixação**

Como a língua é dinâmica, o falante pode, com o auxílio dos afixos, dar a uma palavra uma nova significação. Entretanto, para empregar um afixo adequadamente, faz-se necessário que o falante tenha um conhecimento prévio de sua significação, de modo que a palavra formada tenha o efeito expressivo esperado. Nesse sentido, Coutinho (1976) divide o processo de formação de palavra por meio dos afixos em duas formas: os de conhecimento popular e os de conhecimento erudito. O primeiro diz respeito aos prefixos usados pelo povo, especificamente aqueles que não possuem uma boa formação escolar, conforme o perfil dos falantes entrevistados.

É muito comum ouvir de falantes com esse perfil construções como *alembrar*, *avoar*, *alevantar*, *amostrar*, *arribar*, entre outras. Ao passo que, produções como: *hipermercado*, *ultra-romântico*, *super interessante*, *hemisfério*, *circunferênca*, entre outras, são mais comuns em falas mais eruditas, quando são empregados, com maior frequência, prefixos de origem grega ou latina, o que não são comuns nas realizações linguísticas das pessoas com o mesmo perfil dos entrevistados que participaram dessa pesquisa.

Nesse sentido, é importante comentar a existência de prefixos que nenhuma idéia nova acrescenta à palavra com o seu emprego, os quais são denominados de *expletivos*, como os exemplos do primeiro grupo de falantes citados acima, em oposição aos *inexpletivos*, os que dão sempre ao radical uma idéia acessória como em *desempacotar*, *contrapor*, por exemplo.

✓ **Formação do diminutivo**

Embora os sufixos *-inho* e *-zinho* tradicionalmente indicarem diminutivos do português, tais sufixos podem manifestar a idéia de afetividade, carinho, assim como pejoratividade. O que torna necessário, muitas vezes, observar o contexto em que se encontram inseridos.

No caso das ocorrências transcritas abaixo, elas se referem ao uso do sufixo no sentido de fazer o diminutivo. Há em alguns casos o alongamento da vogal *-i* precedente ao sufixo, no sentido de intensificar o quão pequeno é o que se refere.

Do ponto de vista morfológico, percebe que a formação dos nomes terminados em *-inho* ou *-zinho*, no masculino, na maioria das vezes, o emprego do sufixo não é completo, *-inho* > *-im*; *-zinho* > *-zim*. O que não ocorre no feminino. Em ocorrências como *sobrinha*, *boazinha*,

vizinha, o falante pronuncia *subrinha*, *boazinha*, *vizinha* e não *subrim*, *boazim* e *vizim*. Os respectivos masculinos são quase sempre pronunciados como *subrim*; *bonzim* e *vizin*.

As palavras da coluna da esquerda tratam das representações da escrita padrão do português, as da direita, das produções de fala dos entrevistados.

Norma Culta		Norma Popular
pertinho	>	pert-im
Felinho	>	fel-im
tiquinho	>	tiqu-im
unidinho	>	unid-im
longinho	>	long-im
velhinho	>	ve-im
doidinho	>	doid-im
Cocalzinho	>	cocaz-im
vizinho	>	viz-im
trenzinho	>	trenz-im
sobrinho	>	subr-im
tudinho	>	tud-im
branquinho	>	braq-uim

‘em Cocazim tem um... tem um lá... tem um médico lá... tem um hospital eu truxi ela ...’ (Colaborador 6).

‘morei im Cocalzim (?) e eu vortei pra cá dua vez’ (Colaborador 7).

‘e fica doidim... assim qu’ele casô ele ficô aqui incostado ...’ (Colaborador 7)

‘agora dava na marca d’eu recebê cadê? Eu cum butijão... purquê eu vinha e já ricibia e já comprava os trenzim... o qu’eu cuentava leva eu já levava na cacũnda o qu’eu nũm guẽntava dexava no vizim...’ (Colaborador 5).

‘e os dois fio dela que é casado ... um mora pertim... ela pu’lá de cá do corguim e ele pu’la de lá e o oto e mais longim...inda vei aqui isturdia e falô...’ (Colaborador 5).

‘é ... esse que’ra o cacique dele né?... eu falo é cacique qu’é memo... ((rindo)) o do/do Celim...’ (Colaborador 2).

‘esse aqui de branquin aqui... é seu Felim... e esse que tá qui de pareia cum seu Felim... é... seu Nastaço... o Nastação’ (Colaborador 8).

‘*muito beim i::: é barraca dimais... é **unidim** assim*’ (Colaborador 6).

‘*eu tenho u/ eu tenho ua irmã... que mora im anapu e teim um (?) de **subrim** lá...tenho irmã...irmã e tenho **subrim** e subrinha fia dela...dessa irmã minha...*’ (Colaborador 5).

Além dos sufixos *-inho* e *-zinho* também são indicadores de diminutivos, no português: *-acho, -culo, -eta, -ete, -ela, -ico, -im, -ino, -ito, -isco, -olo, -ola, -ota, -ucho, -ulo*. Nos dados coletados tais sufixos apareceram em ocorrências como: *tiquito* (tiquinho/ pouquinho); *novica* (novinha) e *pititica* (pequeninha)

A formação dos diminutivos conforme apresentado acima é bastante comum entre falantes, com o mesmo perfil, em várias outras regiões do estado de Goiás e de Minas Gerais.

✓ Ocorrência de outros sufixos

Nos dados coletados, observa-se o emprego de sufixos, como: *-ado; -ada; -eiro; -eira* (ocorrem como *ero; -era*); *-deiro; -deira* (ocorrem *-dero; -dera*); *-uza; -dade; eta*. Palavras como: *coisera: -cois-era* (muita coisa); *frutaiada* (muita fruta); *-frut -a -(i) -ada; macumbera* (pessoa que faz macumba) *-macumb -era; bandaiera* (em referência a bagunça) *-band -a -(i) -era; baruiera* (em referência a muito barulho) *baru(-lh) -(i) -era; brutandade* (em referência a brutalidade) *-brut -(na) -dade*.

Em muitos casos, o *-i* aparece como vogal de ligação e no caso do sufixos: *-eiro; -eira, -deiro; -deira*, a semivogal *i* é suprimida. Essas ocorrências também são bastante comuns entre as pessoas com o mesmo perfil em várias outras regiões dos Estados de Goiás. Os falantes pesquisados adotam um nível de linguagem popular, que são as normas da língua utilizadas nas situações informais, no cotidiano da fala popular.

Na maioria das vezes, os sufixos: *-ada, -edo, -agem, -al, ama, -ame, -ume, -um, -aria, -ário, -dade, -eiro, -io, -zal* em português, se caracterizam como sendo indicadores de coleção, aglomeração, abundância. Enquanto que os sufixos: *-aico, -ão, -ano, -ato, -eiro, -enho, -eno, -ense, -ês, -eta, -eu, -ico, -ino, -ista, -ol, -oto*, normalmente, são indicadores de diversas noções. Na fala dos entrevistados essas mesmas noções permanecem.

✓ **Supressão de partes de algumas desinências verbais**

É bastante comum, principalmente na fala de nível coloquial, a supressão de partes de algumas desinências verbais. Entre elas, a de infinitivo e, às vezes, a de número e pessoa. São exemplos recorrentes, na fala dos entrevistados e de outros falantes, até mesmo dos escolarizados, a supressão de partes de desinências em palavras, tais como:

Supressão do -r na desinência de infinitivo

Norma Culta		Norma Popular
arrumá	>	rumá
esquentar	>	quentá
acompanhar	>	cumpanhá

Supressão da última vogal da desinência de número e pessoa

Norma Culta		Norma Popular
ensinou	>	insinô
aguentou	>	guentô
agarrou	>	garrô
adoeceu	>	duecê
enciumou	>	ciumô

Supressão do -d na desinência dos verbos em gerúndio

Norma Culta		Norma Popular
acabando	>	cabano
falando	>	falano
chorando	>	chorano

Ocorrem, nos exemplos acima, outros apagamentos, principalmente no início das palavras que, certamente, as teorias relacionadas às abordagens fonéticas e fonológicas da linguagem explicam com maior clareza. Como não é este o foco desse artigo, tais ocorrências serão discutidas em outro momento oportuno.

✓ **Flexão de número nas formas verbais e nominais**

Nas situações de fala cotidiana, coloquial, é bastante comum ocorrer a marcação de plural somente no primeiro elemento do sintagma:

Norma Culta

nós mudamos >
nós morávamos >
os meninos >
as mulheres >
os homens >

Norma Popular

nóis mudamo
nóis morava
os minino
as muié
os homi

Intuitivamente, o falante acredita que a marcação da desinência de plural, no primeiro elemento da sentença, tanto para as formas nominais quanto para as verbais, é suficiente para indicar a pluralidade de unidades. A marcação de plural, em vários elementos da sentença, como determina a norma culta, sugere uma redundância de marcação desnecessária, se comparada à simplificação da fala popular neste aspecto. O exemplo pode ser observado na seguinte sentença:

Norma Culta

Os meninos saíram >

Norma Popular

Os menino saiu

Com base no exemplo acima, observa-se que, na norma culta, a desinência de plural –s marca todos os elementos da sentença, enquanto na norma popular essa marcação se dá somente no artigo, o primeiro elemento da sentença. Somente esse elemento garante a pluralidade de toda a sentença.

Todos os exemplos aqui mencionados foram extraídos do *corpus* de uma pesquisa maior e são exemplos comuns na fala dos entrevistados e de outros falantes com o mesmo perfil dos colaboradores, são pessoas idosas, não escolarizadas, moradoras de cidades pequenas ou da zona rural, com pouco conhecimento da norma erudita ou padronizada.

Considerações Finais

O que foi apresentando aqui é uma pequena amostra de um campo de estudos bastante amplo. Discutir sobre os aspectos morfológicos da Língua Portuguesa ou de qualquer outra língua é bastante desafiador, tendo em vista a multiplicidade de abordagens teóricas que buscam construir referenciais que abarquem todas as complexidades funcionais das diversas línguas existentes no mundo.

A Morfologia é uma área que tem provocado muitas controvérsias entre os linguistas, que nem sempre consideram o nível morfológico pertinente para a construção de uma teoria

da gramática. O estruturalismo tratou a morfologia como uma questão fundamental, ao valorizar a descrição da diversidade das línguas, evidenciada pela grande diferença morfológica. Para o Gerativismo, essa diversidade remete a um aspecto crucial: como conciliar a proposta de uma Gramática Universal diante de tamanha diversidade morfológica? Esse é o desafio que o Gerativismo está enfrentando hoje, ao considerar a morfologia como um problema central a investigar (SÂNDALO, 2001).

Além dessas questões, também é relevante ressaltar que certas formações de palavras, certos processos de derivação e de composição ocorrem de forma diferente na norma culta e na norma popular, certos empregos são mais recorrentes em uma norma do que em outra. Assim como ocorre com outros aspectos do uso da língua, são os conhecimentos populares e os de conhecimentos eruditos que fazem com que a língua se estruture de forma parcialmente diferente em alguns pontos, mas que nem por isso interferem na comunicação cotidiana dos membros de uma comunidade linguística específica. Logo, não cabem julgamentos como sendo de menor ou de maior valor linguístico.

Referências

BASÍLIO, Margarida. **O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara**. In.: D.E.L.T.A. 20. Especial, 2004. p. 71-84.

_____. **Estruturas lexicais do português**. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Segmentação e classificação dos morfemes**. Cadernos da PUC – RJ, 1974. p. 79-87.

CÂMARA JR, Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**. 4. ed. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, 1967.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica: linguística e filologia**. São Paulo: Editora ao Livro Técnico, 1976.

JENSEN, John Tillotson. **Morphology**: word structure in generative grammar. Current Issues in Linguistic Theory. 70. John Benjamins Publishing Company, 1990.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 3 ed. São Paulo – Campinas: 1991.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SÂNDALO, Maria Filomena Spatti. Morfologia. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina (org.) **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2000. (Título original – 1916).